

Bibliotecas comunitárias e acesso à cidadania: reflexões preliminares

Luiz Carlos de Souza Lima¹

Bianca Rihan²

Resumo

A partir de pesquisa qualitativa e exploratória, o artigo reflete sobre o universo das bibliotecas comunitárias, iniciativas presentes em diferentes regiões de nosso país. Para exemplificar o debate, apresentamos as experiências de duas bibliotecas comunitárias na Região Nordeste: a Biblioteca do Caranguejo (Maranhão) e a Biblioteca Maria das Neves Prado (Bahia). Entre outras questões, destaca-se o protagonismo dos atores envolvidos em cada um desses projetos, os meios utilizados para a captação de recursos em ambos; bem como seu potencial para a democratização do acesso à informação e à cultura em seus territórios.

Palavras-Chave: Bibliotecas Comunitárias; Protagonismo social; Acesso à Informação.

Abstract

Based on qualitative and exploratory research, this article reflects on the universe of community libraries, initiatives present in different regions of our country. To illustrate the discussion, we present the experiences of two community libraries in the Northeast Region: the Biblioteca do Caranguejo (Maranhão) and the Biblioteca Maria das Neves Prado (Bahia). Among other aspects, the article highlights the protagonism of the actors involved in each of these projects, the means used to obtain resources in both, as well as their potential for democratizing access to information and culture in their respective territories.

Keywords: Community Libraries; Social Protagonism; Access to Information.

¹ Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

² Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Introdução

Assim como nossas vidas, constituídas pela dinâmica do movimento, o universo da biblioteconomia apresenta diferentes questões, abordagens e nuances. Por sua vez, o tema das “Bibliotecas Comunitárias”, objeto central de nosso interesse, não foge a essa regra: é pauta das mais variadas discussões, tanto próprias ao mundo acadêmico, como fora dele. Nossa pretensão não passa, obviamente, por esgotar cada um desses tantos aspectos que atravessam as bibliotecas comunitárias, mas por identificar sua importância para a democratização do acesso à informação no Brasil.

Segundo defende Machado (2008, p. 20) “As bibliotecas [comunitárias] surgem nas comunidades locais de maneira espontânea ou a partir de um projeto social, individual ou coletivo [...]”. Sua tipologia é, portanto, diferente das demais, uma vez que moldadas pela iniciativa das próprias comunidades visando à resolução de suas demandas informacionais.

Logo, com centralidade na categoria de “protagonismo social”, entendida como elemento que dá origem a um processo democrático de apoio e mediação da informação, preocupamo-nos em demonstrar algumas das diferenças e das afinidades entre as bibliotecas comunitárias e aquelas instaladas nas comunidades pelas autoridades governamentais.

Após pesquisa teórica e bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória sobre aspectos gerais que envolvem as bibliotecas comunitárias, apresentamos, mais especificamente, os casos de duas bibliotecas comunitárias no Nordeste do país: a Biblioteca do Caranguejo, localizada na comunidade de pescadores da praia do Mangue Seco - Raposa, no Estado do Maranhão; e a Biblioteca Maria das Neves Prado, também conhecida como Biblioteca do Paiaiá, localizada no município de Nova Soure, na Bahia.

A partir de questionário com perguntas abertas, enviado à equipe da Biblioteca do Mangue Seco; e de entrevista³ concedida pelo professor Geraldo Prado, idealizador e fundador da Biblioteca do Paiaiá, ao Professor Gustavo

³A entrevista, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmRRroq1NQk&t=300s> foi utilizada como fonte uma vez que não conseguimos contato com a biblioteca do Paiaiá para o envio de questionário aberto.

Saldanha, destacamos, ao final do artigo, algumas reflexões sobre os modos de atuação das respectivas bibliotecas e sobre suas formas de articulação com as comunidades em que se inserem.

Sendo a falta de acesso à informação - intrinsecamente relacionada ao analfabetismo funcional - um dos problemas cruciais na sociedade brasileira, o debate aqui proposto visa a investigar a importância das bibliotecas comunitárias em suas localidades. Na medida em que conjugam acesso à informação a atividades culturais e educacionais, apostamos nesses espaços para a promoção de cidadania em diferentes territórios de nosso país.

Um olhar ampliado sobre as bibliotecas

Em um escopo mais geral, as bibliotecas são comumente associadas “à missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os insumos de conhecimentos concebidos por nosso fazer racional” (Silveira, 2010 p. 69).

Como indica Silveira, o nascimento das bibliotecas teve lugar paralelamente ao despontar da escrita, contexto em que os sujeitos, organizados para determinados fins, criaram um sistema capaz de “gravar em matéria estável a substância essencial daquilo que era narrado, daquele conteúdo que se conservava e se transmitia oralmente”. Deu-se, assim, a possibilidade de acúmulo do conhecimento humano em “espaços privilegiados de saber” (Silveira, 2010, p.69).

Se nesse primeiro momento a escrita e as bibliotecas eram restritas aos poucos grupos dominantes que detinham o poder material e simbólico nas sociedades antigas, passados quase seis mil anos, sua função foi se transformando, dando lugar a uma significativa abertura.

Como comenta Alves (2020), o despontar das bibliotecas públicas ampliou a circulação e o acesso à produção intelectual, ao mesmo tempo em que passou a estimular uma quantidade maior de pessoas a contribuírem com o acervo cultural da humanidade.

Conhecida como centro local de informação, a biblioteca pública tem sua origem atestada por vários autores, como Mueller, Nogueira, Serrai, etc., em meados da segunda metade do século XIX (Almeida Júnior, 1997). Os “motivos

que levaram ao surgimento da biblioteca pública, da forma que entendemos e conhecemos hoje", no entanto, ainda geram controvérsias, conforme Almeida Júnior (1997, p.66).

Primeiramente, o autor comenta as demandas por mão de obra qualificada, com o advento da revolução industrial e, em paralelo, cita a hipótese de Madalena Wada, para quem a biblioteca pública teria sido criada pela ação filantrópica das classes dominantes (Almeida Júnior, 1997). Segundo Wada, as bibliotecas públicas foram concebidas estrategicamente como meio de diminuir as tensões sociais da época (Almeida Júnior, 1997).

Outras versões defendem que, no rastro da Revolução Francesa, reivindicações populares em prol da educação gratuita teriam empurrado o Estado a se responsabilizar por políticas públicas de acesso à educação, em que as bibliotecas públicas "[...] dariam suporte pedagógico para as ações educacionais." (Almeida Júnior, 1997, p. 67).

Acreditando serem as duas condições essenciais como motivadoras para o aparecimento da biblioteca pública, outros autores, como Maria Cecília Diniz Nogueira, defendem que tanto a revolução industrial, gerando a necessidade de mão-de obra qualificada, como a revolução francesa, que fundamenta pressões por maior democratização da educação, devem ser consideradas não de forma isolada, mas participando de maneira concomitante no surgimento das bibliotecas públicas (Almeida Júnior, 1997, P. 67-68).

Em suma, podemos concluir a origem das bibliotecas públicas como fenômeno multicausal e multiterritorial, tendo sido disparadores da sua criação tanto aspectos presentes no contexto da Revolução Francesa, como no da Revolução Industrial.

Depois de um longo percurso de existência e da ampliação de sua função social, no contexto brasileiro contemporâneo, sobretudo com o agravamento do neoliberalismo, a partir da década de 1990, pode-se dizer que as bibliotecas públicas vêm passando por alguns percalços, o que teria contribuído para iniciativas em torno da criação de bibliotecas comunitárias. Segundo Alves, as bibliotecas públicas:

têm encontrado dificuldade em exercer essa função primordial, tendo em vista os problemas de ordem político-social que fazem com que esses espaços primem pela internalização de procedimentos técnicos em detrimento de uma pulverização e expansão de ações para seu público. Este fator, aliado ao da distância geográfica entre as bibliotecas públicas e escolares das zonas rurais e periféricas – geralmente tais espaços localizam-se no centro da cidade para atender a todo um município –, surgem as bibliotecas comunitárias, como uma forma de aproximar as comunidades periféricas dos bens culturais, criando serviços que atingem diretamente a esta população. Essas bibliotecas começam a surgir aproximadamente em fins da década de 1990 em vários locais do país e de lá para cá vêm suscitando repercussões sociais e discussões acadêmicas sobre sua natureza empírica e conceitual (Alves, 2020, p. 2)

Esse cenário reforça a importância das bibliotecas comunitárias, criadas como respostas à limitação de acesso aos bens culturais que atinge especialmente populações periféricas e rurais. A partir da década de 1990, tais iniciativas passaram a ocupar um espaço essencial na democratização da informação, promovendo serviços voltados às necessidades locais. No entanto, sua natureza “espontânea” também levanta debates sobre sua falta de formalização e riscos de descontinuidade, evidenciando, para além da relevância social, os tantos desafios para o prosseguimento desses projetos.

Diferenças e aproximações entre bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias

Nesta seção, nos dedicamos a um exercício de reflexão sobre os aspectos que determinam e mantêm bibliotecas públicas e comunitárias em nosso país, destacando algumas de suas características comuns, mas também suas diferenças.

Primeiramente é importante ressaltarmos que o fator mais explícito no que diz respeito às diferenças entre bibliotecas públicas e comunitárias não se trata de suas características físicas/estruturais, mas de suas iniciativas. Ou seja,

basicamente essas diferenças estão na origem e nos objetivos de cada uma delas.

Como se sabe, as bibliotecas públicas são concebidas e organizadas por órgãos estatais: federais, estaduais e/ou municipais; enquanto as bibliotecas comunitárias, em geral, trata-se de iniciativas advindas de pessoas das localidades onde foram consolidadas.

Contudo, conforme Almeida Júnior (1993, p. 126), “não há consenso entre as definições entre as duas propostas de biblioteca”. Em muitos casos, “são esses termos entendidos como sinônimos, além de se confundirem com a biblioteca pública tradicional”.

Também para Ribeiro, “bibliotecas comunitária, pública e popular” são muitas vezes tratadas pelos autores sem a devida diferenciação, (Café, Lacruz e Barros 2012, p. 298) de modo que as qualificações referentes às bibliotecas comunitárias se transformem de acordo com diferentes pontos de vista.

Nesse mesmo sentido, comenta Machado:

Com relação ao termo “biblioteca comunitária”, percebemos a dificuldade na sua definição, pois ele vem sendo empregado, pela sociedade em geral, como sinônimo de biblioteca pública e biblioteca popular, sendo que, de modo geral, o mesmo ocorre no contexto acadêmico. Partindo do princípio de que é importante a utilização de termos claros e significativos dentro de uma área de pesquisa, acreditamos ser importante fazer uma reflexão sobre suas formas de emprego e sua relação com os tipos de bibliotecas caracterizadas pela Biblioteconomia. (Machado, 2009, p.81).

Concordando com Machado, podemos dizer que as discussões acerca de nomenclaturas são imprescindíveis para que conceitos nucleares e fundamentais de nossa área não sejam mal-empregados.

Integrante da Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLB) do Ministério da Cultura (MinC), o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) traz definição de biblioteca pública embasada por manifesto produzido no ano de 1994 pela Federação Internacional de Associações e Instituições

Bibliotecárias (IFLA), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Citando os ideais de liberdade, prosperidade e desenvolvimento, tal manifesto apresenta a biblioteca pública como “o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros” (SNBP, acesso em: 30 jan. 2022). Além disso:

Tem por objetivo atender por meio do seu acervo e de seus serviços os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Atende a todos os públicos, bebês, crianças, jovens, adultos, pessoas da melhor idade e pessoas com deficiência e segue os preceitos estabelecidos no Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas (SNBP, acesso em: 30 jan. 2022).

Em contrapartida, sobre as bibliotecas comunitárias, a SNBP define: “Biblioteca Comunitária é um espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro. É criada e mantida pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado” .

Obviamente não se trata de uma discussão finalizadora. Sabemos que nem todas as bibliotecas públicas, bem como as comunitárias, apresentam as mesmas dinâmicas. As práticas se diferenciam dependendo de uma infinidade de fatores em contextos diversos. De qualquer forma, frisamos o papel fundamental da ação coletiva nos espaços informacionais conhecidos como bibliotecas comunitárias. A alta legitimidade dessas iniciativas é fruto do diálogo, da partilha, do empoderamento e do protagonismo entre aqueles que com elas se relacionam.

Segundo Costa; Farias (2021, p. 50) o substantivo empoderamento, assim como os adjetivos correspondentes - empoderado/empoderada - ganharam um significado mais amplo por conta de Paulo Freire: “[...] Para o educador, pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza as mudanças e ações que levam a evoluir e se fortalecer.” (Valoura, 2011, não paginado, apud, Costa; Farias, p. 50, 2021).

Sobre o conceito de protagonismo social, caracteriza-se como elemento que dá origem a um processo democrático de apoio e mediação da informação para desenvolver o conhecimento tanto coletivo como individual.

“O protagonismo é um conceito cujo significado é relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos, envolvidos num acontecimento” (Guedes Farias, Varela, 2017, p. 93). O bibliotecário, como profissional da informação, está a trabalhar para o outro, sendo importante colocar-se no lugar deste, deslocar-se até sua realidade para melhor compreendê-lo e empoderá-lo. Isto significa que o conceito de protagonismo tem como foco:

[...] deslocar seus atores para o papel principal, por revelar uma dimensão pessoal e ao mesmo tempo plural de convivência com o outro, com a comunidade a qual pertence, promovendo ações de diversos níveis, inclusive informacionais, e potencializado uma dinâmica social e cultural no seu contexto, e na sociedade (Guedes Farias, Varela, 2017 P.105).

Nesse sentido, defendemos que um dos impactos mais significativos exercidos pelas bibliotecas comunitárias diz respeito à capacidade de ultrapassarem funções restritas ao desenvolvimento dos sistemas formais de informação e à guarda de livros. Elas são referências nas regiões onde estão estabelecidas, preenchem uma lacuna onde as bibliotecas públicas não conseguem chegar e, através da articulação entre conhecimentos formais e não formais, investem-se da responsabilidade de incentivar a transformação social com base na educação e na ação cultural, no empoderamento e no protagonismo, inserindo o indivíduo no letramento e no pensamento crítico.

Experiências Comunitárias: Biblioteca Maria das Neves Prado (BA) e Biblioteca Do Caranguejo (MA)

Apresentando uma vasta diversidade cultural, as bibliotecas são iniciativas que impactam a vida de pessoas em todo o Brasil. Porém, os recursos destinados à implantação de bibliotecas públicas não são suficientes para atender às demandas de informação de toda a população. Em contrapartida,

algumas dessas demandas são supridas pelo incessante trabalho das bibliotecas comunitárias presentes nas periferias das cinco regiões do território brasileiro.

Para uma noção sobre a quantidade de bibliotecas comunitárias no Brasil, consultamos, inicialmente, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). Apesar da sigla se referir às bibliotecas públicas, intuímos estarem em seu radar também as bibliotecas comunitárias. Consta, porém, apenas uma referência curta: “Espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro. É criada e mantida pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado” (SNBP).

Como evidencia Elisa Machado, em sua tese:

A concepção do SNPB foi inovadora, no sentido de propor um sistema que pudesse agir de forma ramificada nesse país de dimensões continentais. Por meio da organização sistemática de programas de apoio, poderia também incluir em suas metas a criação de uma rede de sustentação para as inúmeras iniciativas locais de bibliotecas comunitárias. Porém, infelizmente, desde sua criação o SNPB nunca teve abertura suficiente para o estabelecimento de articulações locais (Machado, 2007, p.79)

Ademais, consultamos a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), uma iniciativa não governamental que, além de outros serviços, divulga informações sobre as bibliotecas comunitárias conectadas à sua rede. Em sua página, a RNBC apresenta dados do ano de 2019, identificando 115 bibliotecas comunitárias, 42.200 pessoas atendidas e 26.600 empréstimos.

Como fio condutor de nossa discussão, elegemos duas iniciativas de bibliotecas comunitárias de sucesso, localizadas na Região Nordeste. Apesar da enorme diversidade cultural, que se manifesta nas mais variadas expressões, seja na Literatura de Cordel, na especialização do artesanato feito com rendas, na culinária, entre muitas outras, a região ainda conserva práticas que remontam o passado colonial, como a ocupação desordenada da terra, a concentração de renda e de poder e, principalmente, a dificuldade ao acesso à educação formal e seus desdobramentos informacionais, relegando parte de seus cidadãos a viverem em condições de extrema precariedade.

Visando à análise de seus impactos em suas comunidades, escolhemos destacar duas bibliotecas, situadas, respectivamente, nos estados da Bahia e do Maranhão: a Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado (conhecida como Biblioteca do Paiaiá); e a Biblioteca do Caranguejo - Praia do Mangue Seco.

A Biblioteca do Caranguejo está situada na comunidade do Mangue Seco, município de Raposa, no Maranhão. A subsistência da população local se dá, sobretudo, através da pesca, sendo uma das maiores fontes de renda das famílias (Oliveira; Pereira, 2017).

Além das dificuldades econômicas, o lugar sofre com a ação do ser humano no meio ambiente, que atinge uma área de proteção. Num cenário de condições adversas, surge a iniciativa de uma biblioteca comunitária gerida por voluntários, com o objetivo de inserir crianças, jovens e adultos no universo da leitura e do aprendizado.

Figura 1 - logótipo da Biblioteca do Caranguejo



Fonte: Perfil da biblioteca no facebook

Figura 2 - Biblioteca do Caranguejo



Fonte: Página da Biblioteca no Facebook

A fim de melhor conhecermos a história e as ações mobilizadas pela Biblioteca do Caranguejo, enviamos à sua atual equipe um questionário, com perguntas abertas.

Desse modo, soubemos ter sido criada a Biblioteca do Caranguejo a partir de várias ações já existentes, elaboradas por grupos de amigos, moradores e, sobretudo, pela Cooperativa de Pescadores e Marisqueiras da Comunidade do Mangue Seco - Raposa (COOPEMAS), que sempre atuou em projetos voltados à preservação do manguezal e da praia.

Conforme nosso(a) respondente⁴, direcionada à educação, e com a ajuda da mão de obra local, a Biblioteca do Caranguejo foi estabelecida no dia 07 de julho de 2017, na sede da COOPEMAS. O projeto teve por objetivo a criação de um espaço que contasse não apenas com livros, mas também com atividades voltadas à formação de valores de cidadania e de cultura.

A captação de recursos foi um dos primeiros desafios a ser enfrentado. Com a idealização da biblioteca, iniciou-se uma campanha na internet para a arrecadação de livros e de materiais de estudo, mobilizando vários parceiros,

⁴ A aplicação de questionário foi autorizada pelo Comitê de Ética da Unirio, mas, conforme exigência do mesmo, a identidade do(s) respondente(s) não será divulgada.

incluindo-se outras bibliotecas, que abraçaram a causa. Em suma, todos os recursos foram angariados por doações e toda a participação para a estruturação do projeto teve caráter voluntário.

Ao se tratar de uma biblioteca que surge na comunidade e para a comunidade, diferentemente dos outros tipos de bibliotecas, como as públicas, escolares ou universitárias, que possuem bibliotecários como profissionais responsáveis pelos espaços, nesses locais, esse cargo fica majoritariamente sob o comando dos idealizadores dos projetos ou de pessoas voluntárias (Machado, 2008, *apud* Machado, p. 9-10, 2020).

Assim, na Biblioteca do Caranguejo, o envolvimento da comunidade com a iniciativa aconteceu de forma positiva, de modo que em torno de 120 a 150 pessoas trabalharam na construção, limpeza e manutenção da sede.

Figura 3 - Biblioteca do Caranguejo. Antiga sede da Cooperativa de Pescadores e Marisqueiras da Comunidade do Mangue Seco - Raposa, MA, Brasil



Fonte: 18º Congresso Nacional do Meio Ambiente.

Hoje, como nos conta um do(s) voluntário(a)s, a Biblioteca do Caranguejo agrega, em seu acervo, aproximadamente mil e duzentos livros de vários gêneros, que atendem a um público diversificado, composto por frequentadores da praia e por moradores, entre crianças, jovens e adultos. A maioria do público, contudo, é formado por crianças e jovens locais, envolvidos em projetos

voluntários. Os adultos seguem comprometidos com a iniciativa, sobretudo no empenho para a reforma e na captação de verbas e de mão de obra para o mesmo fim.

Conforme o Ministério do Meio Ambiente (2019), a ocupação desordenada ao longo da costa brasileira vem causando, progressivamente, a fragmentação ou a perda do ecossistema manguezal. Na praia de Mangue-Seco, tal ocorrência prejudica uma das mais importantes expressões culturais locais, que é também a principal fonte de renda de seus habitantes: a pesca do caranguejo.

Nesse sentido, a Biblioteca do Caranguejo atua, desde a sua fundação, em iniciativas voltadas à educação ambiental para a comunidade, visando à preservação e à conservação do ecossistema, bem como à contribuição para que as gerações posteriores possam conhecer, estudar, pesquisar, utilizar e usufruir do território. Não são poucos os mutirões realizados para a limpeza da praia, ou as convocações para performances artísticas com proposta semelhante.

Figura 2 – Cartaz convocando para mutirão de limpeza



Fonte: Perfil da Biblioteca no Facebook

Figura 5 – Alunos de uma escola local em mutirão de limpeza do manguezal



Fonte: Perfil da Biblioteca no Facebook

No âmbito da cultura, a comunidade organiza e participa de produções cinematográficas, oficinas de música e artesanato mobilizadas pela biblioteca, tendo esta se tornado, ainda, um local destacado para a arrecadação de cestas básicas e de promoção de ações de saúde:

Como nossas ações não se centralizam somente na literatura, mas também na cultura e no meio ambiente, percebemos que trouxemos muitos benéficos à comunidade e a quem a consome, como a conscientização da limpeza constante da praia, a importância do não uso de carro na área de banho e nos manguezais, o cultivo, replantio e tratamento do mangue. Dentro da cultura, a comunidade já participou ativamente em produções cinematográficas, oficinas de música, artesanato. Além de que a Biblioteca se tornou um meio importante para levar a eles condição de cestas básicas e ações de saúde. Assim é importante frisar que vemos a comunidade muito consciente da importância da Biblioteca. (Parte de resposta de um dos voluntários da Biblioteca do Caranguejo ao questionário enviado pelo autor em 30/03/2022)

A Biblioteca do Caranguejo destaca-se, desse modo, como uma ferramenta para o acesso à literatura, cultura, arte, saúde e informação. Com projetos direcionados à comunidade do Mangue Seco, a biblioteca atua diretamente na orientação dos usuários sobre o papel que cumprem em seu contexto. Os resultados alcançados, como o empoderamento dos cidadãos locais, já podem ser percebidos em razão das mudanças nos hábitos ambientais, participação nas ações propostas, interesse das crianças e jovens na busca por leitura e informação.

No empoderamento, o sujeito possui a autonomia para decidir, dando sentido a todas as suas escolhas, questionando seu papel na sociedade e podendo influenciar a tomada de decisões pelo coletivo, o que pode levar ao protagonismo social, pois ele ganha poder de decisão sobre as situações que exigem um posicionamento, passando a influenciar no meio em que vive de forma útil e positiva. (Costa; Farias, p. 46)

Observamos, nessa comunidade, como a biblioteca promove a interação das pessoas, aproximando espaços de uma mesma localidade até então apartados; garante o direito à leitura através de ações e atividades coletivas; desenvolve a consciência crítica dos usuários, destacando-se a valorização e a preservação do lugar onde vivem. Nesse ambiente, apesar de barreiras de ordem econômica, os esforços empreendidos pelos idealizadores da biblioteca conseguem, a cada dia, beneficiar a vida das pessoas que com ela entram em contato.

Passando à Biblioteca Maria das Neves Prado, mais conhecida como Biblioteca do Paiaiá, destacamos uma de suas principais diferenças em relação à iniciativa anteriormente descrita: trata-se de sua localização geográfica.

Ao contrário da Biblioteca do Caranguejo, que fica no litoral, a Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, considerada a maior biblioteca rural do mundo, está alocada no sertão nordestino, precisamente no povoado de São José do Paiaiá, município de Nova Soure, a 250 km de Salvador (BA).

Fundada em 4 de novembro de 2005, a Biblioteca do Paiaiá, como é conhecida, tem como idealizador Geraldo Moreira Prado, Historiador, com Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas, professor e pesquisador aposentado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI/ IBICT), em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para o empreendimento, Geraldo Prado contou com a participação fundamental de seu sobrinho José Arivaldo Moreira Prado, o Vadinho, na época estudante secundarista, e, hoje, graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduando em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), membro do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA), e Diretor da Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, (Prado, Moreira, 2018-2019).

Figura 6 – Logomarca da Biblioteca

Fonte: Blog da Biblioteca

Segundo Geraldo Prado, nascido na fazenda Brejo Grande, no município de Nova Soure, onde está estabelecida a “Biblioteca do Paiaiá”, a ideia para a elaboração da mesma surgiu no momento em que tomou conhecimento de um projeto, no final do governo de Fernando Henrique Cardoso, através do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), para financiar a implantação de serviços do setor - especialmente para a população mais carente (Agência do Senado, 2005).

Naquele momento, começou a pôr em prática o projeto para a fundação da biblioteca, doando parte de seu acervo, com o primeiro carregamento contando com aproximadamente 12.600 livros.

Inicialmente, foi alugado um imóvel para receber os itens, mas, logo, Geraldo e seu sobrinho notaram a necessidade de um espaço maior, na medida em que a iniciativa passou a extrapolar as pretensões iniciais e a se desdobrar em várias atividades, para além de eventos ligados à leitura. Tempos depois, Geraldo decidiu comprar um imóvel que comportasse as novas demandas da biblioteca comunitária.

Graças ao empenho e ao protagonismo de Geraldo, de José Arivaldo e do grupo de jovens denominados Amigos da Paz, coletivo que surgiu um ano depois das primeiras ações para a organização da biblioteca, o sonho se tornou realidade.

Figura 7 – O Professor Geraldo Prado



Fonte: Correio 24 Horas

Suas iniciativas para a construção, organização e manutenção de uma biblioteca comunitária em Nova Soure foram transformadoras. Tal afirmação pode ser confirmada devido a vários fatores, inclusive em relação à estrutura física da Biblioteca do Paiaiá que, em seus primórdios, instalou-se em um prédio antigo, praticamente em ruínas, mas atualmente ocupa uma casa que, apesar de simples, é segura, bem cuidada e bem conservada.

Figura 8 – Prédio onde foi instalada antiga sede da Biblioteca do Paiaiá.



Fonte: youtube, LiveIBICT: QuartaÀsQuatro convida Professor Gustavo Saldanha e Professor Geraldo Prado

Figura 3 - Fachada da sede atual da Biblioteca do Piaiá



Fonte: youtube, LiveIBICT: QuartaÀsQuatro convida Professor Gustavo Saldanha e Professor Geraldo Prado

De forma geral, a Associação Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado trabalha com metodologia comprometida em atender às demandas informacionais dos cidadãos de sua comunidade, promovendo ações transdisciplinares, discutindo políticas de acesso e conscientizando o público sobre a importância da democratização da leitura.

A biblioteca mobiliza não apenas o acesso aos livros didáticos, mas também a leitura infanto-juvenil e adulta, de diferentes gêneros literários, como experiência importante para a formação cultural e estética dos indivíduos. Além

disso, estimula o despertar da consciência crítica sobre problemas com os quais a sociedade local convive em seu cotidiano, relativos a questões ambientais, saneamento, saúde, etc - objetivo explicitamente definido em seu estatuto; e dinamiza atividades ligadas ao desenvolvimento cultural e ao desenvolvimento sustentável local através de estratégias de economia solidária, economia criativa e inclusão social baseadas na formação de habilidades informacionais e no estímulo ao protagonismo de usuários e colaboradores.

Com uma programação bem delineada, contando com atividades como conferências, projetos de leitura, oficinas, e cinema, por exemplo, a Biblioteca do Paiaiá abrange todas as faixas etárias e ainda promove, em suas dependências, a capacitação de professores de ensino fundamental.

Ademais, segundo as palavras de seu patrono, ações que estimulam articulações e convênios com instituições públicas e privadas dentro e fora do estado onde está situada a biblioteca: “podem contribuir na superação da pobreza endêmica e do baixo nível educacional da população do município de Nova Soure” (Biblioteca do Paiaiá, 2005).

Ao assumir esse papel fundamental de polo articulador entre a sociedade local e projetos externos, como acontece em outras bibliotecas comunitárias espalhadas pelo Brasil, podemos dizer que a Biblioteca do Paiaiá se torna uma inspiração aos profissionais bibliotecários. A iniciativa no sertão baiano nos desperta a consciência de que não apenas a técnica é importante para a formação da pessoa bibliotecária, mas também o compromisso com a função social que se faz primordial para atuarmos nessa profissão.

Considerações finais

O artigo buscou realizar reflexão mais abrangente sobre as bibliotecas comunitárias, pautando-se na constatação de certa ausência de bibliotecas públicas em localidades periféricas do país. Nesse sentido, esforçamo-nos para entender as diferenças entre as bibliotecas públicas e as bibliotecas comunitárias, bem como as ações geralmente articuladas pelas últimas.

Nessa empreitada, verificamos o importante avanço representado pelas bibliotecas comunitárias em relação à democratização do acesso à informação

e à cultura no Brasil, especialmente no que tange as populações alocadas em territórios desassistidos pelo Estado. Ao se consolidarem como espaços de resistência e pertencimento, extrapolam a função de armazenamento de livros, tornando-se centros de convivência, aprendizado e valorização das identidades locais.

De caráter dinâmico e participativo, permitem que a própria comunidade atue para sua construção e manutenção, driblando políticas implantadas de “cima para baixo” – muitas vezes alheias à escuta da população local - e garantindo, portanto, que as necessidades e interesses de seus usuários sejam contemplados.

Após pesquisa bibliográfica sobre o tema, apresentamos as experiências de duas bibliotecas comunitárias na região Nordeste do Brasil: a Biblioteca do Caranguejo; e a Biblioteca Maria das Neves Prado – ou Biblioteca do Paiaiá.

A Biblioteca do Caranguejo se trata de um projeto idealizado por pessoas atuantes na Cooperativa de Pescadores e Marisqueiras da Comunidade do Mangue Seco - Raposa (COOPEMAS), e por grupos de amigos e moradores do território. Já a Biblioteca do Paiaiá nasceu da vontade e perseverança de um “filho da terra”, que acessou o mundo acadêmico e soube usar os conhecimentos adquiridos em sua jornada como profissional da informação - somados à sua vivência e sensibilidade - para tornar concreto um espaço de acesso à leitura, à informação e a outras práticas coletivas de produção de conhecimento em seu município, promovendo inclusão social, autonomia e empoderamento da comunidade.

Apesar de sua relevância, não podemos deixar de pontuar o fato de as bibliotecas comunitárias enfrentarem, ainda hoje, significativos desafios, como a falta de recursos financeiros, a ausência de políticas públicas específicas para seu fortalecimento e a dependência praticamente absoluta do voluntariado. Tais obstáculos tornam incerta sua continuidade, exigindo mobilização constante e articulação a diferentes setores da sociedade.

Para que seu papel seja plenamente reconhecido e consolidado é, portanto, essencial que as bibliotecas comunitárias sigam figurando como objeto de pesquisa, de investimento e de ações que assegurem sua permanência e

expansão, garantindo, assim, que mais pessoas possam usufruir dos benefícios que oferecem.

Referências bibliográficas

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: EDUEL, 1997.

_____. **Bibliotecas públicas: avaliação de serviços**. Londrina: EDUEL, 2003.

_____. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278p. p. 9-32.

_____. Profissional bibliotecário: um pacto com o excluído. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (org.). **Profissional da Informação: o espaço de trabalho**. Brasília, DF: Thesaurus, 2004. p.70-86. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, 3).

ALVES, M. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020.

ALVES, M. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da Releitura-PE**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CAFÉ, L. M.; AUGUSTÍN LACRUZ, M. C.; BARROS, C. M. Organização do conhecimento: análise conceitual. In: **Congreso ISKO Capítulo Español**, 10., 2012. Fer-rol. Anais... La Coruña: Universidade da Coruña, 2012. p. 283-302.

Disponível

em:http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/11615/CC_132_art_18.pdf;jsessionid=758F491AEE647CD102F4BC08DA6A7DCC?sequence=1. Acesso em: 03 mar. 2022.

COSTA: FARIA, D; GUEDES, M. Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: análise da obra Quarto de Despejo. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, FORTALEZA, ano 2021.29288, v. 14, n. 1, ed. 1, p. 45-69, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45151>. Acesso em: 7 jan. 2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p. ISBN 9788536323008

GUEDES FARIA, M; VARELA, A. 2017. La mediación de la información y el protagonismo social": experimentando la construcción de un modelo en una comunidad brasileña". **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información** 73 (31): 91-110. <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2017.73.57848>

MACHADO, E. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 80-94, 2009.

OLIVEIRA, Rafaela; PEREIRA, Márcio. Viver no Mangue: uma análise urbanística no Mangue Seco na Raposa – MA. In: **UIA 2021 RIO: 27th World Congress of Architects**. Rio de Janeiro, 22 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.acsa-arch.org/chapter/viver-no-mangue-uma-analise-urbanistica-no-mangue-seco-raposa-ma/>. Acesso em: 21 fev. 2022

PRADO, Geraldo Moreira; PRADO, José Arivaldo Moreira. Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária no Brasil. **Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura**; v. 1 n. 1 (2018): nov. 2018/maio 2019. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro/article/view/10484>. Acesso em: 18 mar.2022.

SILVEIRA, F. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.I.], v. 15, n. 3, p. 67-86, 2010.

SNBB - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). In: **SNBB - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas** (SNBP). [S. I.], 4 fev. 2022. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 17 fev. 2021.
União dos Municípios da Bahia (2015). Disponível em: <http://www.upb.org.br/noticias/maior-biblioteca-rural-do-mundo-esta-no-coracao-da-bahia> Acesso em: 17 fev. 2021

ASSOCIAÇÃO BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MARIA DA NEVES PRADO (BIBLIOTECA DO PAIAIÁ) (BAHIA). 10/01/2012: **PROSAS**, 4 nov. 2005. Disponível em: https://prosas.com.br/empreendedores/8597-associacao-bibliotecacomunitaria-maria-da-neves-prado-biblioteca-do-paiapia#!#tab_vermais_descricao. Acesso em: 7 maio 2022.